

SERNANCELHE

(Fonte Arcada)

Circulando pela autoestrada A25 tome a saída 17 que, sensivelmente a meio da variante que contorna a cidade de Viseu, está sinalizada para Viseu-Este e Sátão. A partir daqui siga pela EN229, na direção para norte, que conduz a Aguiar da Beira e a Sernancelhe. A partir de esta última povoação tome a EM506, para Vila da Ponte e Ferreirim. Antes de chegar a Ferreirim vire, à sua esquerda, na EM505, para se dirigir a Fonte Arcada, onde encontrará a Casa do Paço ou, como também é conhecida, o Paço da Loba ou Paço de Dona Loba.

Paço da Loba ou Casa do Paço

O PAÇO DA LOBA situa-se no largo do Rossio, em Fonte Arcada, a meio caminho entre a igreja matriz e o pelourinho manuelino. A designação por que é popularmente conhecida esta casa não tem fundamento histórico em alguma figura da nobreza local (como acontece, por exemplo, com o homónimo Paço de Dona Loba, em Padronelo, Amarante, que, embora equivocadamente, é atribuído a D. Loba Mendes), mas resulta da interpretação popular de um modilhão com um quadrúpede esculpido, que se conserva junto da porta de entrada, no primeiro andar.

O Paço é usualmente atribuído ao século XIII. Trata-se de uma construção em granito, de planta retangular, com dois pisos, e cerca de 17 x 10 m. A sua volumetria é austera e despida de grandes requintes ornamentais. O piso térreo é servido por uma porta de arco quebrado, com esquina

chanfrada e impostas igualmente com chanfro, sem capitéis ou colunas. Ao seu lado adossa-se uma caixa de escada, em pedra, que foi acrescentada em época posterior e que serve de acesso à porta de entrada do primeiro andar. Sobre a porta de acesso térreo conservam-se cinco cachorros que testemunham a existência, outrora, de um alpendre de madeira. É provável que este alpendre percorresse a fachada em toda a sua largura, porque no extremo oposto, junto do arranque dos primeiros degraus da escada, encontramos mais dois cachorros à mesma cota, que denunciam uma estrutura de madeira incompatível com aquele acesso ao piso superior. Se assim fosse, a estrutura original desta casa comportava apenas esta entrada de rés-do-chão e outra que o Abade Vasco Moreira regista, na parede voltada a sul, e que diz ser igualmente dotada de arco quebrado. Ao nível térreo, a construção não apresenta mais aberturas. O

Vista geral da fachada principal



Vista geral da fachada anterior





Vista geral da fachada principal

acesso ao primeiro andar faz-se pela já mencionada escada de pedra, obra de época moderna, dotada de corrimão cerado. Esta escada culmina num pequeno patamar quadrangular, onde se rasga uma porta que apresenta, nos dias de hoje, um vão retangular, chanfrado. Por cima do seu lintel são visíveis as perturbações na estereotomia da parede que ficaram a assinalar a modificação introduzida na tipologia da porta. Esta porta de entrada é ladeada, no plano superior, por dois cachorros esculpidos, que documentam a presença, também aqui, de uma pequena estrutura de alpendre. No cachorro do lado esquerdo observa-se o referido quadrúpede que emprestou o nome popular ao Paço da Loba ou Paço de Dona Loba. À esquerda e à direita da porta abrem-se duas janelas retangulares largas, dotadas de pinázio, que correspondem a uma reforma de inícios de Quinhentos, que alguns autores situam em 1502. O pinázio apresenta moldura de toro-escócia e, no eixo vertical, remata, em cima e em baixo, com pequeno capitel e base, tudo com um evidente sabor manuelino. Por contraste com os pinázios do Paço Condal de Barcelos ou do Paço do Dr. Pedro Esteves (ambos em Barcelos), os pinázios do Paço da Loba são bastante mais elaborados. O vão destas aberturas, dividido em quatro espaços, apresentava as bandeiras superiores fixas e as bandeiras inferiores basculantes. No lado direito, e junto do lacrimal, abre-se uma pequena janela quadrada, que resulta de intervenção moderna. Uma construção recente, que se encosta no lado direito do Paço, impossibilita a análise deste alçado. A parede lateral do lado oposto apresenta uma abertura retangular moderna, à cota do piso superior. A linha de telhado, em duas águas, teve também reforma posterior, como se pode documentar pela organização do aparelho construtivo deste lateral. Todas as aberturas aqui descritas, incluindo a pequena abertura colada ao lacrimal, já constam das



Vista do andar nobre, com porta de entrada e duas janelas manuelinas com pinázios

fotografias publicadas pelo Abade Vasco Moreira na sua monografia de 1929.

O Paço da Loba ou Casa do Paço, tem sido associado a várias figuras historicamente documentadas. A tradição liga-o, insistentemente, a Fernão Sanches, filho bastardo de D. Dinis. O Abade Vasco Moreira diz que o paço lhe chegou às mãos por doação do monarca, datada de 1290. Mas D. António Caetano de Sousa, Fr. Francisco Brandão e mesmo José Augusto Sottomayor-Pizarro não mencionam esta doação régia. No entanto, parece claro que o bastardo régio tinha interesses em Fonte Arcada. Com efeito, como José Augusto Sottomayor-Pizarro registou, em 1297, Fernão Sanches assinou um escambo com o mosteiro de Salzedas, pelo qual recebeu o padroado e o senhorio de Santa Maria de Fonte Arcada, entregando aos monges o padroado e a igreja de Castro Rei. Este escambo confirma, portanto, o seu interesse por Fonte Arcada. O bastardo régio tinha, no entanto, outras casas de morada, nomeadamente uns paços em Recardães (Águeda), onde veio a falecer em 1329. A posse de Fonte Arcada pelos Condes de Marialva e, depois, pelo infante D. Fernando, filho de D. Manuel I, encontra confirmação na documentação da época. Com efeito, os bens em Sernancelhe e Fonte Arcada chegam à posse de D. Gonçalo Vasques Coutinho por intermédio de um escambo que firmou com D. João I em 11 de fevereiro de 1400. Os bens em Fonte Arcada permaneceram na posse da casa de Marialva, cujo título condal foi instituído em 1440, até ao seu 4º Conde, D. Francisco Coutinho, que os entregou ao Infante D. Fernando, filho de D. Manuel I, no âmbito do dote de casamento de sua filha, D. Guiomar Coutinho, com o filho do Venturoso.

A Casa do Paço serviu, igualmente, de Casa da Câmara do antigo concelho de Fonte Arcada. A instituição

deste concelho remonta a 1193, quando D. Sancha Vermuiz concedeu, com seus filhos, carta de Foral ao *concílio de Fontarcada*. Segundo as Memórias Paroquiais de 1758, este velho concelho englobava as povoações de Fonte Arcada, Escurquela, Ferreirim, Macieira, Chosendo, Freixinho e Vilar – ou seja, abarcava a zona noroeste do atual concelho de Sernancelhe (compreendendo as freguesias de Fonte Arcada e Escurquela, de Ferreirim e Macieira, de Chosendo e de Penso e Freixinho) e ainda a freguesia de Vilar (hoje do vizinho concelho de Moimenta da Beira) –. Nas mesmas Memórias Paroquiais registava-se: “Tem huma caza da camera aonde se fazem as audiências e fora della huma torre com seu rellojeo e sino que serve para tanjer aos autos de camera e audiências e pera o mesmo rellojeo.”. O estado de ruína a que chegou o edifício levou a Câmara a mudar-se, em 1834, para uma outra construção, pertencente à Universidade de Coimbra, como se declara num auto de 1849 divulgado por Carlos Caetano. Seis anos depois, em 24 de outubro de 1855, o concelho de Fonte Arcada seria extinto e a maior parte do seu espaço geográfico seria integrado no concelho de Sernancelhe.

O Paço da Loba encontra-se classificado como *Monumento de Interesse Público* (Portaria nº 250/2011, *Diário da República*, 2ª Série, nº 17, de 25 de janeiro) e beneficia de uma ZEP que é conjunta com outros dois monumentos da zona – a igreja matriz de Fonte Arcada e o Pelourinho (Portaria nº 250/2011, acima referida, retificada pela Portaria Nº 322/2011, publicada no *Diário da República*, 2ª Série, nº 27, de 8 de fevereiro).

Texto: MJB - Fotos: JNC



Cachorro ou modilhão da fachada principal

Bibliografia

BRANDÃO, F., 1650, pp. 175-176; CAETANO, C.M.F., 2011, II, pp. 936-937; CHANC. D. JOÃO I, III, doc. n.º 164 (de 1400, fevereiro, 21); CORREIA, A., 1992, p. 59; FREIRE, A.B., 1973, III, p. 347; MEM. PAROQ. 1758 (2010), p. 544; MOREIRA, V., 1929, pp. 137-142; PMH, LEGES, p. 486; PMH, LEGES, 2017, pp. 256-258; SIPA; SOTTOMAYOR-PIZARRO, J.A., 1999, I, pp. 196-198; SOUSA, A.C., 1735-48, III, pp. 235-241; SOUSA, J.R., 2001, p. 42.

